

OBSESSÃO: ATENDIMENTO INICIAL

Marina França

INTRODUÇÃO

Considerando que o tratamento da obsessão tem se constituído num dos principais motivos que levam uma pessoa a procurar o Centro Espírita, visa este estudo colaborar com os seus dirigentes no seu atendimento inicial, de modo que ela venha a ter melhoria em sua qualidade de vida.

É importante frisar que este estudo não tem a pretensão de entrar nos campos difíceis do diagnóstico da obsessão e dos métodos para seu tratamento, embora parta do princípio de que o atendimento proposto dependerá de como os dirigentes tratam estas questões no Centro Espírita.

A pesquisa feita girou em torno das obras de Allan Kardec, por ser ele o fundador do Espiritismo e um dos que possui mais relatos a respeito do assunto, com situações em que procurava verificar antes do atendimento se o era mesmo obsessional. São vários os exemplos citados na Codificação a respeito de pessoas que procuravam os tratamentos obsessoriais, quando na realidade apresentavam distúrbios mentais ocasionados por idéias fixas, males imaginários ou ainda males originários do modo inadequado de viver, conforme termos da própria Codificação.

Com base nas contribuições kardequianas, este estudo identifica alguns dos cuidados a serem tomados pelo dirigente espírita nesses atendimentos e apresenta vários questionamentos sobre as práticas adotadas atualmente no movimento espírita, conforme itens abaixo relacionados:

- Obsessão e centro espírita
- Obsessão e mediunidade
- Obsessão e auto-obsessão
- Obsessão e loucura
- Obsessão e suicídio
- Obsessão: conceito
- Obsessão: entrevista
- Obsessão: cura

OBSESSÃO E CENTRO ESPÍRITA

Há muitos trabalhos desobsessivos cujos dirigentes atuam semelhantemente aos de exorcismos, sendo os obsessores tratados como demônios a serem expulsos, através de conversações centralizadas em conselhos repetitivos ou ameaças.

É importante que o dirigente espírita perceba como tem direcionado os trabalhos desobsessivos, procurando identificar o que move suas ações em cada atividade destes trabalhos

Se a reunião de desobsessão for considerada um pronto socorro de espíritos sofredores, onde funcionam as equipes de encarnados e a de desencarnados, sendo esta última a responsável pelo desenrolar do trabalho, minimizando a importância da equipe de encarnados, a participação destes acaba ocorrendo sob a forma de submissão, sendo que o espaço utilizado dificilmente oferecerá condições para o debate e a investigação.

Se a reunião de desobsessão for considerada um campo de estudo com propostas renovadas de atuação consubstanciadas na prática e na teoria, aí a equipe de encarnados passa a preponderar sobre a de desencarnados, cabendo-lhe o direcionamento dos trabalhos

desobsessivos, com uma participação ativa em suas diversas fases, almejando a busca contínua do conhecimento.

A atuação acima descrita só será possível se quem estiver comprometido com o trabalho desobsessivo, procurar continuamente associar a teoria à prática e vice-versa, não sendo mais possível aceitar a dicotomia entre as reuniões ditas de estudo e as mediúnicas, diferenciando até os participantes das mesmas, sendo os das reuniões de estudo chamados de "elitistas" ou "teóricos", e os das mediúnicas, de "trabalhadores", sem contar a ambivalência de muitos participantes que, nas reuniões de estudo têm participação ativa e quando presentes nas mediúnicas atuam submissamente.

No contexto em cuja atuação a teoria estiver associada à prática e viceversa, não cabe também a dicotomia entre as reuniões de estudo e as mediúnicas, por serem estas igualmente de estudo, sendo que a produção de materiais a partir destas reuniões podem subsidiar os grupos que atuam nas demais atividades do Centro Espírita, facilitando uma melhoria nos atendimentos às pessoas que vêm procurá-lo pelos mais diversos motivos, contribuindo também com o progresso da pesquisa espírita.

Para iniciar uma avaliação acerca do Centro Espírita na atualidade é de suma importância recorrer à obra *O Livro dos Médiuns*¹, consultando os capítulos X, XXIII, XXIX e XXX, onde o Codificador apresenta conceitos, reflexões e/ ou propostas acerca: 1) das possíveis características das reuniões espíritas; 2) das origens das dificuldades que podem surgir no transcorrer das reuniões espíritas; 3) dos objetivos das sociedades espíritas; 4) das formas das sociedades espíritas se organizarem; 5) de como as sociedades espíritas se relacionam. Da *Revista Espírita*², destaco o texto *Escassez de Médiuns*, sendo este muito útil na organização dos grupos, iniciantes ou não, que não contam com médiuns dentre os seus participantes.

No 7º Congresso Espírita Estadual promovidos pela União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo - USE, em agosto de 1986, foram apresentados trabalhos que contribuem na avaliação proposta neste trabalho acerca das estruturas dos Centros Espíritas, como:

- 1 - "A estrutura dos Centros Espíritas de Kardec aos nossos dias"³;
- 2 - "Mudanças Estruturais dos Centros e Grupos Espíritas de Kardec aos nossos dias"⁴;
- 3 - O Centro Espírita no século XX⁵;

J. Herculano Pires⁶ e Wilson Garcia⁷ publicaram obras que tratam especificamente sobre o Centro Espírita.

Há ainda dois estudos realizados recentemente pelo Centro de Pesquisa e Documentação Espírita - CPDoc, com sede em Santos, que também muito podem contribuir com os dirigentes espíritas que estão se propondo a reavaliar os trabalhos realizados no Centro Espírita: o de Reinaldo Di Lucia⁸, que apresenta "propostas e meios pelos quais a doutrina espírita pode retomar seu crescimento intelectual, a partir de discussões amplas a serem realizadas nos próprios centros espíritas e de uma melhor preparação dos recursos humanos" e o de Mauro Spínola⁹, onde constam reflexões sobre o papel do Centro Espírita na sociedade, constituindo este trabalho um "livro que se destina aos dirigentes de Centros Espíritas e a todos que buscam refletir sobre o papel do Centro Espírita na sociedade".

Quanto a obsessão, relaciono no final os textos onde constam conceitos e relatos sobre obsessão e desobsessão publicados na coleção da *Revista Espírita* e demais obras de Allan Kardec, juntamente com os que tratam da loucura e do suicídio, por estarem estes três temas intimamente ligados nos textos relacionados, cuja quantidade e importância, principalmente por muitos ainda não terem sido devidamente explorados, pode constituir material básico para a elaboração de um Curso Sobre Obsessão no Centro Espírita visando reavaliar as suas práticas.

A relação da mediunidade com a obsessão, por exemplo, é uma prática do movimento espírita atual que merece ser confrontada com as propostas Kardequianas.

OBSESSÃO E MEDIUNIDADE

Há dirigentes espíritas que orientam pessoas aparentemente obsidiadas a desenvolverem a mediunidade, considerando inclusive este desenvolvimento como terapêutica no tratamento obsessivo, atemorizando-as de que se não participarem das reuniões mediúnicas serão vítimas permanentes do processo obsessivo.

O nó inicial que se apresenta em função da prática acima é o de identificar os critérios adotados para identificar possíveis faculdades mediúnicas, independentemente das pessoas que recebem esta orientação estarem ou não obsidiadas.

Vejamos o que diz Kardec a respeito:

"Até ao presente não se conhece nenhum diagnóstico para a mediunidade: todos os que julgamos descobrir são sem valor; experimentar é o único meio de saber se a faculdade existe."¹⁰

Além da forma como realizam muitos dirigentes o diagnóstico mediúnico, o que estou questionando é a relação entre obsessão e desenvolvimento da mediunidade, bem como o fato da pessoa proceder esta escolha num período de sua vida em que se encontra bastante confusa.

Além dos questionamentos acima, outro que faço é o de identificar a lógica de uma pessoa aparentemente obsidiada freqüentar uma reunião onde o tempo de permanência é em torno de duas horas, desconsiderando aspectos como disposição mental para concentração, prece e/ou estudo, ingredientes estes que geralmente fazem parte de uma reunião mediúnica? E considerando até a possibilidade da pessoa atendida optar pelo desenvolvimento da mediunidade, caso apresente uma faculdade mediúnica bem caracterizada, por lhe ter sido apresentado como único meio de amenizar o seu sofrimento ou porque ela veio ao Centro Espírita com a idéia pré-concebida de que a sua melhora está relacionada com o desenvolvimento da mediunidade, pergunto: O que esperar do uso da mediunidade por alguém que faz esta opção num momento de desespero e que apresenta perturbações mentais, sejam elas de caráter obsessivo ou não?

É possível que nesta atitude esteja a intenção de se conseguir adeptos e creio que há dirigentes espíritas que procedem assim por acreditarem ser o melhor para a pessoa sair do sofrimento, porém esta atitude precisa ser revista, por desconsiderar a liberdade de escolher que cada qual deve desenvolver.

Não descarto também a possibilidade da pessoa obsidiada apresentar futuramente uma faculdade mediúnica bem caracterizada, nem a de existirem médiuns com faculdades mediúnicas plenamente desenvolvidas tornarem-se médiuns obsidiados, tendo em vista as causas principais abaixo citadas para atração dos maus espíritos nas comunicações mediúnicas:

"Em primeiro lugar, as imperfeições morais de toda espécie, porque o mal sempre simpatiza com o mal; em segundo lugar, a demasiada confiança com que são acolhidas as suas palavras."¹¹

Na Revista Espírita¹² é narrada história do Sr. F., moço instruído, de caráter suave e benevolente, cuja obsessão decorria do fato de um Espírito fazê-lo escrever incessante e aleatoriamente, apresentando teorias absurdas e prescrições ridículas com aparência de lógica.

Ao receber o Sr. F., Kardec reconheceu sem dificuldades a influência perniciosa em que o moço se encontrava tanto nas palavras como em certos sinais que a experiência faz reconhecer, identificando que o espírito obsessivo era atraído pela confiança excessiva com que o Sr. F. acolhia as palavras dos Espíritos, sendo ele uma pessoa boa e honesta.

Para o tratamento, dada a tenacidade do Espírito obsessivo, Kardec recorreu a um colega para auxiliá-lo neste difícil trabalho de persuasão. Quanto ao Sr. F., lhe foram dadas as seguintes recomendações: 1) entregar-se a um trabalho árduo, com a finalidade de que não

lhe sobrasse tempo para ouvir as más sugestões do obsessor; 2) aprender a dominar-se, sendo senhor de si mesmo, pois somente assim seria capaz de dominar os maus espíritos; 3) trabalhar o seu ponto frágil: confiança excessiva em tudo que ouvia.

No final do relato, Kardec salienta não ter sido a mediunidade a causa da obsessão, sendo ela apenas o meio do inimigo oculto ter se revelado, pois caso o Sr. F. não possuísse a mediunidade, a obsessão teria se manifestado de outra forma.

A faculdade mediúnica bem conduzida, ao constituir um meio do Espírito obsessor se manifestar, pode colaborar em diversos tratamentos obsessoriais, dependendo do estudo prévio da Doutrina Espírita, por indicar ela a rota e as precauções a serem tomadas no trato com os Espíritos, tanto pelo candidato a médium quanto pelos dirigentes espíritas.

Kardec sempre ressalta que fazer espiritismo experimental sem estudo é como fazer manuseio químico sem saber química, sendo que o exercício da mediunidade nesta situação pode provocar na pessoa uma invasão de maus espíritos, alertando-nos ainda que as pessoas obsidiadas não devem desenvolver possíveis faculdades mediúnicas enquanto se apresentar o processo obsessivo, pois este desenvolvimento pode representar uma forma de abrir as portas aos espíritos obsessores e forçar o desenvolvimento de uma faculdade, por vezes inexistentes, também contribui para a piora da situação do obsidiado.¹³

Em outro texto é analisada a seguinte questão: O exercício da mediunidade pode provocar o desarranjo da saúde das faculdades mentais ou o exercício da mediunidade pode provocar em uma pessoa a invasão de maus espíritos e as suas conseqüências?¹⁴, ressaltando a importância de ler O Livro dos Médiuns como receita de procedimentos e percebendo as questões morais que envolvem as comunicações mediúnicas.

Com o aprendizado do Espiritismo o médium e o dirigente espírita eliminarão as dificuldades decorrentes da ignorância dos princípios doutrinários e destruirão o domínio dos maus espíritos provocado por este desconhecimento, adquirindo ambos os meios de se manterem auto-vigilantes contra as sugestões desses espíritos.

Porém, na prática, o conhecimento do Espiritismo nem sempre oferece condições ao dirigente espírita de distinguir se uma pessoa em sofrimento está sendo vítima de obsessão ou se os seus sofrimentos estão ligados a graves patologias clínicas, psicológicas ou psiquiátricas. É preciso, portanto, lançar mão dos conhecimentos produzidos pelas diversas áreas da Ciência, pois assim como o entendimento do sofrimento humano não pode ser limitado a uma abordagem biológica ou psicológica, ele também não deve se limitar a uma exclusivamente espiritual.

É preciso estar atento à fragilidade humana que faz com que "...todo homem que se dedica uma especialidade escraviza a ela suas idéias..."¹⁵ advertência esta que foi dada por Kardec com relação aos opositores do Espiritismo, valendo, portanto, o raciocínio inverso, isto é, para muitos espíritas atuais que ao se dedicarem ao estudo do Espiritismo (ou por não o conhecerem!) pretenderem que todas questões humanas sejam de sua alçada.

Conseqüentemente, um erro que pode ocorrer no atendimento às pessoas que procuram ajuda no Centro Espírita é a generalização, atribuindo tudo o que ocorre de ruim à pessoa às causas espirituais, desconhecendo quem assim procede os relatos kardequianos, onde havia a preocupação de distinguir os casos de obsessão com os de auto-obsessão ou de loucura, conforme textos citados nos próximos itens.

OBSESSÃO E AUTO-OBSESSÃO

Kardec cita que, não raro, Espíritos são responsabilizados por maldades de que eles são inocentes, sendo que muitas doenças e certas aberrações que se lançam à conta de uma causa oculta, derivam do Espírito do próprio indivíduo. "As contrariedades que de cada um concentra em si mesmo, principalmente os desgostos amorosos, dão lugar, com freqüência, a

atos excêntricos, que fora errôneo considerar-se fruto da obsessão. O homem não raramente é o obsessor de si mesmo."¹⁶

Um dos correspondentes de Kardec, o Sr. Demeure, cita que uma das provas que o Espiritismo deveria passar era o de distinguir as obsessões, classificando como simuladas os casos de pessoas que vão em busca do Centro Espírita para a cura de males imaginários narrando o caso de uma senhora que recebeu a orientação de "entregar-se aos cuidados da Medicina Oficial e a se afastar de toda idéia de corresponder-se com os Espíritos."¹⁷

É bem verdade que, exceções feitas às consultas aos guias espirituais ou à experiência, como elementos a auxiliar na identificação da obsessão, nem Kardec nem o Sr. Demeure nos fornecem maiores informes de como proceder para a realização de tal identificação.

Portanto, um desafio que se apresenta ao dirigente espírita é o de investigar como proceder esta diferenciação, visando melhorar o atendimento nos Centros Espíritas, escrevendo e divulgando os resultados desta investigação.

Um outro caso narrado na Codificação é o de uma moça que fora obrigada a se casar com um homem a quem não amava, causando-lhe uma mágoa muito grande que a levou a um distúrbio mental, tendo sido internada em função do estado deplorável em que ficou física e mentalmente.¹⁸

O mal daquela moça, segundo o guia espiritual consultado, provinha de uma causa moral e exclusivamente pessoal. Nem remédios nem obsessão: era a idéia fixa da moça que atraía a sua volta espíritos inferiores que a envolvia com seus fluidos e alimentava suas idéias fixas, criando assim um círculo vicioso, impedindo que os fluidos benéficos emitidos através da prece coletiva a envolvesse. A recomendação da prece como tratamento foi dada pelo guia espiritual, tendo ela apresentado resultado após um mês de tratamento.

Quanto à auto-obsessão, o estudo do conjunto das comunicações relatadas no livro *O Céu e o Inferno*¹⁹ que envolveu o atendimento ao Espírito

Julgando-nos sem dúvida com maior poder de conjurar que o padre de sua aldeia, pediu-nos um conselho. Eis a resposta que obtivemos: A mortandade ou as doenças dos animais desse homem provém dos seus currais infectados que ele não manda limpar porque isso custa."²⁰

Enfim, o lavrador sofria as conseqüências de sua avareza e de seu desleixo.

OBSESSÃO E LOUCURA

Em vários de seus textos que versam sobre a loucura, Kardec afirma que ela provém de um estado patológico do cérebro, citando como causa uma predisposição orgânica que tomaria o cérebro mais ou menos acessível a certas impressões, situação em que uma pessoa preocupando-se excessivamente com uma coisa, o conteúdo desta preocupação tomar-se-ia uma idéia fixa.

Portanto, se a pessoa tiver a predisposição orgânica e o Espiritismo for a sua preocupação dominante, teremos aí o louco espírita, alertando-nos que "...deve-se afastar da prática mediúcnica, por todos os meios possíveis, as que apresentam os menores sinais de excentricidade nas idéias ou de enfraquecimentos das faculdades mentais, porque são evidentemente predispostas à loucura, que qualquer motivo de superexcitação pode desenvolver"²¹, devendo elas serem orientadas ainda a dirigirem suas preocupações para outras direções.

É importante ressaltar, porém, que os conceitos kardequianos sobre a loucura estão limitados aos conhecimentos da Psiquiatria da época, embora estes já estejam estreitamente ligados aos progressos das ciências sociais e da psicologia.

E aí surge outra questão de difícil solução e com pouca investigação no movimento espírita que é a de diferenciar a loucura orgânica da obsessional:

"Não confundamos a loucura patológica com a obsessão, esta não provém de lesão alguma cerebral, mas da subjugação que Espíritos malévolos exercem sobre certos indivíduos, tendo, muitas vezes, as aparências de loucura propriamente dita, sendo ainda que os casos de obsessão, possessão ou de simples perturbações por Espíritos, quando tratados como loucura, geralmente se agravam".²²

É preciso considerar ainda que muitos adversários da propagação do Espiritismo, atribuem a este o aumento dos casos de loucura na população em geral, e Kardec preocupava-se em responder aos que faziam esta relação como pode ser observado em resposta dada por ele ao Sr. Burlet, de Lyon que, em janeiro de 1863 havia publicado um trabalho sobre o Espiritismo, considerando-o como causa de alienação mental.²³

Analisando a Estatística da Loucura 24 publicada pelo Departamento de Saúde da França, ele faz questão de observar que após o advento do Espiritismo, contrariando os adversários deste, o número de internações nos asilos psiquiátricos havia diminuído consideravelmente.

E de suma importância constatar que Kardec tira do campo da magia e do Claire apresenta várias reflexões sobre a auto-desobsessão de um espírito desencarnado e o processo de ajuda que lhe foi dado na Sociedade Espírita de Paris, que pode auxiliar nos atendimentos a muitas pessoas que comparecem ao Centro Espírita, guardadas as devidas proporções entre a educação moral de um desencarnado com a de um encarnado, por ser a segunda mais difícil, uma vez que o encarnado encontra-se numa luta constante entre os elementos que o compõe, espírito e matéria, ficando o raciocínio embotado pelas influências motivadas por interesses materiais e! ou posição social em que se encontra, enquanto que o desencarnado, mesmo recebendo uma certa influência material, encontra-se mais livre para a conversão, conforme alerta o Espírito S. Luís em reflexões intercaladas nos atendimentos feitos à Claire.

Na primeira comunicação, Claire apresenta-se incrédula, desesperada, sentindo o "peso" do tempo como se estivesse sofrendo as penas eternas e explicando como se aproximou do médium. Na segunda, ela inicia um processo de reflexão sobre os motivos que a levaram ao sofrimento: egoísmo, inércia e preocupação excessiva com o próprio bem-estar, conseguindo destacar a diferença entre o saber e o sentir. Na terceira, exige sintonia constante do médium, querendo atenção exclusiva, mostrando-se temerosa com a possibilidade de ser abandonada. Na quarta aprofunda as reflexões sobre o seu modo de viver na última encarnação, diferenciando a moral divina e a humana. Na quinta, conclui estar mais calma e resignada à expiação das suas faltas, dizendo que o mal não estaria fora de si e que deveria ser ela mesma a se transformar em detrimento às coisas exteriores. Na sexta, finalmente, fala de alguém que não si própria, referindo-se ao sofrimento do marido, demonstrando um início de preocupação com alguém que não fosse ela própria.

O Espírito S. Luís, ao trazer suas reflexões sobre as causas dos sofrimentos, associa a solidão de Claire com o fato de não ter ela criado vínculos afetivos, dizendo até que seria um alívio a existência de um obsessivo, pois teria com que se ocupar, tornando-se aí menos infeliz.

Este exemplo pode ser utilizado como parâmetro a muitos atendimentos feitos no Centro Espírita, sendo muito comum pessoas no período inicial de atendimento solicitarem atenção exclusiva, sempre tendo algo para conversar com Q dirigente tanto antes como no final da reunião e até durante a mesma, principalmente se a sua organização (ou desorganização) der chance a este tipo de interferência.

Outro exemplo que previne quanto à tendência de se atribuir aos Espíritos todas as nossas contrariedades consta em O Livro dos Médiuns, conforme abaixo:

"...Certo dia um lavrador nos escreveu que há doze anos todas as desgraças caíam sobre os seus animais. Ora morriam as vacas ou deixavam de dar leite, ora morriam os cavalos, os carneiros ou os porcos. Fez muitas novenas que não remediaram o mal, o mesmo se dando com as missas que mandou rezar e com os exorcismos que mandou fazer. Acreditou, então, segundo as superstições do campo, que haviam feito algum mal para os seus animais,

sobrenatural tanto a obsessão como a loucura, sendo que esta última pode ser melhor verificada em uma das afirmações contidas na resposta dada pelos Espíritos à questão 474 de O Livro dos Espíritos, quando cita: "freqüentemente se tem tomado por criaturas epilépticas ou loucas, que mais necessitavam de médico do que de exorcismo."²⁵ E ao analisar as curas realizadas por Jesus, constatou que tanto naquela época como na da Codificação, atribuía-se à influência dos demônios todas as enfermidades cujas causas não eram conhecidas, principalmente a mudez, a epilepsia e a catalepsia.²⁶

Em O Céu e o Inferno²⁷, por sua vez, há a transcrição da Instrução de um Espírito sobre os Idiotas e os Cretinos 2X dada na Sociedade de Paris, com análise sobre o tema que vai de encontro aos progressos feitos na área da psiquiatria até o século XIX:

*"A loucura não é das leis divinas, pois resultando materialmente da ignorância, da sordidez e da miséria, pode o homem debelá-la. Os modernos recursos da higiene, que a Ciência hoje executa e a todos faculta, tende a destruí-la. Sendo o progresso a condição expressa da Humanidade, as provações tendem a modificar-se, acompanhando a evolução dos séculos."*²⁹

Ele discorre ainda sobre os tratamentos aos doentes mentais, reforçando a idéia de que o homem é responsável por sua doença e de como a propagação da Doutrina Espírita pode corroborar com a humanização do tratamento a esses doentes.

Os estudos kardequianos mostram o Espiritismo ao lado da Ciência, ao considerar: 1) que a cura da doença mental começou a sair da prática mágico religiosa somente a partir do século XV; 2) na história da humanidade sempre houve relatos de doentes mentais e a explicação sobre a existência deles nunca coube exclusivamente à medicina, havendo interferência não só da magia e da superstição, mas também de filósofos, teólogos, juristas e principalmente de políticos.

Até o século XV, segundo dados históricos os quadros patológicos implicavam numa cumplicidade com o Diabo.³⁰

Na Idade Média, tudo o que ameaçava o poder da Igreja e da Religião tomava-se suspeitos de heresia, sendo que a doença mental representava o mal vindo do diabo.

No declínio da Idade Média em fogueiras espalhadas pela Europa queimavam-se os feiticeiros, os mendigos e os doentes mentais.

Para os gregos a doença seria um mal que representava punição ou vingança dos deuses. Para os hebreus implicava ela igualmente numa punição sendo que a cura caberia a Deus. Para os cristãos primitivos, a arte médica por ser obra pagã era de origem suspeita, cabendo ao Cristianismo o poder de se encarregar do homem na sua totalidade: a natureza humana saída do pecado original era a responsável pelo mal moral e físico, sendo a doença punição que poderia se transformar num instrumento de salvação ao doente que aceitasse o seu sofrimento e àquele que lhe assistisse.

E no Renascimento, que começam os primeiros estudos sobre a doença mental, com destaque para a descrição da melancolia, distinguindo aquela que vem da alma daquela que vem do corpo, sendo que esta seria curada com a medicina, enquanto que a primeira com boas palavras.

No século XVI, aponta-se pela primeira vez a influência da hereditariedade na melancolia, aparecendo também os primeiros estudos sobre a nostalgia, anorexia, histeria e perda de memória.

No século XVII aparecem os primeiros estudos sobre o suicídio, relacionando-o com possíveis doenças mentais, não havendo ainda distinção entre as doenças do corpo com as do espírito.

O século XVIII caracterizado por exprimir a sua confiança no homem, engrandecido pelo progresso científico e pela razão, reclama uma atitude mais humana para com os doentes

mentais, sendo neste século que Filipe Pinel³¹ ao propor a reforma psiquiátrica embasada num tratamento mais humano aos doentes mentais, não nega a influência das causas morais, mas não desconhece as influências do meio e as lesões orgânicas, como fatores preponderantes no diagnóstico e na cura das doenças mentais.

A medicina praticamente entra na fase científica no século XIX, onde se procura a causa da doença e um meio de combatê-la, pois até então, a cura ainda estava muito ligada a uma causa sobrenatural, motivo pelo qual o fato da Doutrina Espírita atribuir aos médicos a função de curar os epiléticos e loucos, demonstra estar ela caminhando junto com a Ciência da época no tocante às questões de saúde.

Até os dias atuais há muitos dirigentes espíritas tentando tratar a epilepsia, por exemplo, como uma doença espiritual, doença esta cujo controle teve um avanço considerável por parte da Medicina neste século.

É bem verdade que estes tipos de tratamento acabam representando alternativas àqueles que têm dificuldades de utilizar os deficitários serviços de saúde tanto na área pública como privativa, favorecendo os dirigentes espíritas esta prática ao atribuir causas espirituais a todo e qualquer mal orgânico.

É comum observar em entrevistas individuais, muitas pessoas ao serem indagadas se fazem ou fizeram algum tipo de tratamento médico, responderem que fizeram inúmeros, sendo que de nenhum obtiveram resultados satisfatórios. Porém quando indagadas que tipo de tratamento realizaram e quanto tempo durou, percebe-se pelas respostas, ou que não começaram nenhum, ou iniciaram muitos, porém como não obtiveram resultados nos primeiros dias, desistiram do tratamento.

Um dos trabalhos do dirigente espírita é levar as pessoas a perceberem que todo e qualquer tratamento, seja ele de ordem física, psíquica ou espiritual, é necessário o empenho individual, principalmente para os dois últimos, por serem eles de difícil e, muitas vezes, prolongado diagnóstico, tendo claro que há muitas doenças, de causas desconhecidas cujos tratamentos estão voltados única e exclusivamente ao controle dos sintomas, não deixando, por isso, de serem úteis na melhoria de qualidade de vida da pessoa.

Para tanto é importante que o dirigente espírita comece a se familiarizar com o assunto, estando atento às publicações de pesquisas sobre o mesmo e promovendo palestras e/ ou debates com profissionais diversos da área de saúde mental, bem como participando de eventos abertos à população em geral que visam divulgar os avanços nesta área.

Como o suicídio ocorre em 40 a 70% em pacientes psiquiátricos³², a atenção do dirigente deve ser redobrada, dada a possibilidade de parte desta população procurar o Centro Espírita facilitando ao dirigente desenvolver um importante trabalho na área de prevenção ao suicídio, motivo pelo qual o assunto é tratado no próximo item.

OBSESSÃO E SUICÍDIO

Assim como os loucos, os suicidas também eram considerado hereges pela Inquisição na Idade Média, quando os cadáveres dos suicidas eram exumados para serem pendurados nas forcas e arrastados sobre as grades com o fim de serem expostos.³³

Para entender a loucura, Kardec recorre à Ciência, adotando o mesmo procedimento para entender o suicídio.

Ao analisar a Estatística de Suicídios³⁴ ocorridos na França no período de 1836 a 1852, Allan Kardec considera a ocorrência como um mal social, definindo-o como uma verdadeira calamidade pública e diferencia os suicídios ocorridos por causas puramente fisiológicas como os efetuados em estado de embriaguez ou de loucura com aqueles que seriam originários da covardia moral, sendo que estes seriam em número bem maior, embora

reconheça a inexistência de estatísticas oficiais sobre os possíveis motivos que levariam uma pessoa ao suicídio.

A covardia moral seria conseqüência da incredulidade gerada pela simples dúvida sobre a vida futura ou da idéia falsa que se tem sobre ela.

Ele atribui ainda à publicidade dada aos suicídios um fator de encorajamento àqueles que apresentam uma predisposição suicidária, considerando inócuas as descrições detalhadas sobre as maneiras pelas quais uma pessoa se suicida, podendo estas correrem o risco de constituir incentivos para outros suicídios.

Na literatura kardequiana há vários relatos de suicídios e suas causas, ora relacionando-o com a loucura, ora com a sociedade, ora com a incredulidade sobre a vida futura ou sobre as idéias falsas que se têm sobre esta, ora com o desgosto pela vida, ora com a obsessão, podendo nestas três últimas o Espiritismo desenvolver uma ação eficaz com relação à prevenção.

Destaco duas comunicações mediúnicas que relacionam a obsessão com o suicídio: a de Antoine Bell³⁵, e a de Jean Baptiste Sadoux³⁶, embora esta relação só tenha sido constatada após os respectivos desencarnes ..

O Sr. Antoine Bell era uma pessoa boa por natureza e trazia consigo uma vaga intuição de sua inata fraqueza e do motivo que levava aquele espírito obsessor a persegui-lo na última existência. Para resistir às sugestões do obsessor que o incitava ao suicídio eram necessários o arrependimento, a prece e a força necessária para vencer esta obsessão, segundo análise transcrita no final do relato.

Nas perguntas que fazia aos Espíritos suicidas, Kardec preocupava-se em obter esclarecimentos sobre a natureza dos seus sofrimentos e como poderiam serem ajudados, além investigar os motivos que levaram aqueles espíritos a anteciparem as suas existências terrenas.

Eram questões com dupla finalidade: a de levar o suicida a refletir sobre a situação em que se encontrava e a de servir de orientação aos encarnados, sempre evitando detalhes desnecessários e perguntas feitas por simples curiosidade

Através das respostas dadas pelos espíritos suicidas era possível perceber: 1) que os sofrimentos estavam longe de serem os mesmos para todos, dependendo eles dos motivos e das circunstâncias que os levaram a praticarem tal ato; 2) que os locais onde se encontravam dependiam da evolução individual; 3) a decepção era o único sentimento comum a todos os suicidas.

Enfim, era mais um assunto que Kardec tirava da magia e da superstição, tratando os suicidas com indulgência e benevolência, distanciando-se das Doutrinas das Penas Eternas.

O dirigente espírita deve confrontar os tratamentos que têm dados aos espíritos suicidas e às pessoas que tentam o suicídio com os realizados por Kardec, procurando entender os motivos pelos quais as pessoas pensam ou tentam tal atitude e identificar como o Centro Espírita pode colaborar no sentido de apoiar estas criaturas, procurando recorrer às pesquisas feitas a partir de outras abordagens sobre o tema e descrevendo os resultados de seus atendimentos.

Estudos recentes mostram o suicídio ou a tentativa do mesmo ligado a graves patologias psiquiátricas, outros sugerem a importância de fatores genéticos e bioquímicos, havendo ainda outros que incluem como fatores de risco as dificuldades que muitos têm em lidar com situações conflitantes da vida, como: idade, doenças físicas, mortes, relacionamentos doentios etc.

Na entrevista inicial, portanto, é importante constarem perguntas identificando se a pessoa já tentou ou pensou em suicidar, o motivo que a levou a pensar na alternativa do suicídio como solução aos seus problemas, bem como o que a levou a desistir de tal idéia.

As respostas às questões acima poderão subsidiar as diversas atividades do Centro Espírita, devendo aquelas que tenham como tema central o suicídio também contar com profissionais de outras áreas do conhecimento, levando em consideração fatores biológicos,

psicológicos, sócio-ambientais e espirituais.

Os apontamentos feitos no item anterior e nos demais levantam algumas questões que envolvem o atendimento obsessional no Centro Espírita, tendo eu a clareza de que elas foram apenas pontuadas e limitadas ao modo de como elas foram tratadas no tempo de Kardec havendo, portanto, necessidade de serem atualizados e aprofundados.

Isto posto, visando colaborar na proposta da entrevista; inicial, os passos seguintes deste estudo são: obsessão - conceito; obsessão - entrevista; obsessão - cura.

OBSESSÃO - CONCEITO

*"A obsessão é a ação persistente que um mau Espírito exerce sobre um indivíduo ...sua ação malfazeja faz parte dos flagelos dos quais a humanidade é alvo neste mundo. Apresenta caracteres muito diferentes, desde uma simples influência moral, sem sinais exteriores sensíveis, até a perturbação completa do organismo e das faculdades mentais ... a obsessão é sempre resultado de uma imperfeição moral... Para preservar das doenças fortifica-se o corpo; para se garantir da obsessão é preciso fortalecer a alma; daí, para o obsidiado, a necessidade de trabalhar pela sua própria melhoria ..."*³⁷

*"Os motivos da obsessão variam segundo o caráter do Espírito. às vezes é a prática de uma vingança contra a pessoa que o magoou na sua vida ou numa existência anterior. Frequentemente é apenas o desejo de fazer o mal, pois como sofre, deseja fazer os outros sofrerem, sentindo uma espécie de prazer em atormentar e humilhar. A impaciência das vítimas também influi, porque ele vê atingido o seu objetivo, enquanto que a paciência acaba por cansá-lo. Ao se irritar, mostrando-se zangado, a vítima faz precisamente o que ele quer. Esses espíritos agem, às vezes, pelo ódio que lhes desperta a inveja do bem, e é por isso que lançam sua maldade sobre criaturas honestas."*³⁸

*"Há ainda certas obsessões, sobretudo de pessoas de mérito que fazem parte das provas a que se acham submetidas. "Por vezes, mesmo, acontece que a obsessão, quando simples, seja uma tarefa imposta ao obsedado, que deve trabalhar para melhorar o obsessor, como um pai a um filho vicioso."*³⁹

*"Existem problemas obsessivos em várias expressões, como os de um encarnado sobre outro, de um desencarnado sobre outro, de um encarnado sobre um desencarnado, e, genericamente, deste sobre aquele."*⁴⁰

*"Relembrando o texto kardequiano que afirma "não raramente o homem é obsessor de si mesmo", Suely Caldas Schubert cita ainda a obsessão recíproca, definindo-a como segue: "Essa característica de reciprocidade transforma-se em verdadeira simbiose, quando dois serem passam a viver em comunhão de pensamentos e vibrações. Isto ocorre até mesmo entre os encarnados que se unem através de amor desequilibrado, mantendo um relacionamento enervante"*⁴¹.

Considerando as afirmações sobre obsessão no texto acima, constata-se:

- 1 - é ela uma questão de sintonia;
- 2 - viver na Terra faz com que todos lhe estejam sujeitos, diferenciando motivos, formas de manifestação e graus de intensidade;
- 3 - nem sempre é possível percebê-la;
- 4 - o fortalecimento da alma é uma prerrogativa para se livrar dela;
- 5 - a melhoria individual é prerrogativa para o fortalecimento da alma;
- 6 - a vingança é apenas um dos seus motivos, acompanhada da inveja, do prazer de fazer o mal, da tarefa de reabilitação do obsessor por parte do obsidiado etc.
- 7 - ela pode ser o resultado de encontros aleatórios entre obsessor e obsidiado, estando os motivos localizados na vida presente;

- 8 - o modo pelo qual o obsidiado lida com as contrariedades da vida é fator preponderante na sua persistência;
- 9 - a auto obsessão constitui-lhe, muitas vezes, uma porta aberta;
- 10 - na auto, na de encarnado para encarnado e na recíproca, os motivos geralmente estão localizados na vida presente;
- 11- relacionamentos mal resolvidos têm grandes probabilidades de constituir futuros processos obsessivos, além de propiciar a auto-obsessão e a obsessão recíproca no tempo presente;
- 12 - as imperfeições morais constituem os verdadeiros obstáculos à sua libertação;
- 13 - em seu processo não é possível identificar de imediato quem é o culpado e quem é a vítima.

Conclui-se:

A obsessão é, antes de tudo, uma questão de sintonia provocada pelas imperfeições morais de todos os envolvidos, pelos relacionamentos mal resolvidos e pelas dificuldades que o obsidiado apresenta em lidar com as dificuldades da vida.

Portanto:

O trabalho desobsessivo implicará no combate às imperfeições morais, na melhoria do relacionamento humano e das formas como o obsidiado lida com as contrariedades da vida

E ao dirigente espírita, a partir do motivo que levou a pessoa a procurar ajuda no Centro, terá a incumbência de levá-la a indagar-se:

- 1- como devo proceder a minha auto cura?
- 2 - o que há em mim que atrai os maus espíritos?
- 3 - como posso melhorar os meus relacionamentos pessoais?
- 4 - o que fazer para diminuir a minha irritabilidade?

O tema entrevista será tratado no próximo item, por constituir uma proposta ao dirigente de facilitar-lhe a ação citada no parágrafo acima.

OBSESSÃO: ENTREVISTA⁴²

A ajuda na entrevista, dar-se-á através de uma ou mais conversação, onde o entrevistado receberá indicações que venham colaborar na percepção dos motivos que as impedem de serem felizes.

Ao ser estabelecida a relação de ajuda é importante que a entrevista seja feita em um ambiente adequado para acolhimento da pessoa e seu sofrimento, criando também uma atmosfera pautada por confiança e respeito.

Para o ambiente adequado deve ser garantido um local onde as condições externas, como barulho excessivo, não interfiram na relação de ajuda, evitando também interferências provocadas, como: batidas à porta, pessoas conversando paralelamente etc.

Após localizar o ambiente que ofereça condições mínimas para o atendimento, o dirigente focalizará a atenção para o objetivo da entrevista, identificando o motivo da procura, apresentando para si a seguinte questão:

"Qual será o melhor modo de ajudar essa pessoa na situação em que se encontra no Centro Espírita?"

A resposta à questão acima dependerá da atenção do dirigente às suas condições internas no transcorrer da entrevista, de modo que elas não venham interferir negativamente nos seus

resultados, bloquear e/ ou afetar a comunicação do entrevistado, tais como:

- 1 - ele está com problemas pessoais mal-resolvidos, não conseguindo desligar-se da própria situação, para concentrar-se na entrevista;
- 2 - as questões abordadas pelo entrevistado incomodam-no profundamente seja porque vão contra os seus princípios morais seja por coincidirem com seus próprios problemas que não consegue solucionar ou conviver;
- 3 - a situação apresentada é tão chocante e desesperadora do ponto de vista do entrevistador que aviva sua curiosidade, levando-o a questionar ansiosa e incisivamente, e a fazer perguntas que não tenham por objetivo a ajuda.

Portanto, o entrevistador deverá estar atento: 1 - a sua expressão corporal, a fim de que o entrevistado sinta a sua atenção voltada para ele, evitando movimentos e gestos que possam embaraçá-lo durante a entrevista, como folhear livros ou olhar para o relógio enquanto ele fala; 2 - à sua disposição mental, afastando pensamentos e problemas diversos, concentrando a atenção na entrevista e na situação apresentada; 3 - às suas emoções, constatando os sentimentos que o entrevistado e/ ou situações apresentadas possam despertar em si.

A entrevista, por sua vez, implicará no desenvolvimento de algumas atitudes e/ ou ações adequadas por parte do entrevistador, como:

I - OUVIR: consiste em estar voltado ao entrevistado tanto corporal, mental como emocionalmente, evitando interromper a sua verbalização indevidamente. É comum entrevistadores iniciantes estarem tão preocupados com o que irão falar em seguida que não conseguem ouvir e absorver o que está acontecendo. O ouvir adequadamente constitui um agente motivador à verbalização do entrevistado, facilitando a comunicação.

II - FALAR: após ouvir a situação relatada, a intervenção do entrevistador dar-se-á através do entendimento do motivo pelo qual a pessoa está procurando o Centro Espírita, através da análise da respostas à seguinte questão:

" - O que ela busca e espera do Centro Espírita?"

Para elaboração das perguntas posteriores, recomendo a leitura do texto Perguntas Que Se Podem Fazer⁴³ que embora tenha como objetivo colaborar com o dirigente na interpelação aos Espíritos comunicantes em reuniões mediúnicas, o texto pode subsidiá-lo na elaboração das perguntas a serem feitas às pessoas que procuram o Centro Espírita no tocante à maneira de perguntar e à natureza das perguntas.

O entrevistador deverá elaborar questões que levem a pessoa a refletir sobre a sua situação evitando aquelas: 1 - que tenham por objetivo a satisfação de simples curiosidade; 2 - que estimulem detalhamentos desnecessários; 3 - que possam propiciar respostas duplas; 4 - mal formuladas, apressadas e repetitivas.

Ele deverá evitar ainda de realizar as perguntas como se estivesse fazendo um bombardeio, isto é, lançando-as rápida, incisiva, contundente e incoerentemente, a fim de não bloquear a comunicação do entrevistado, sendo que este bloqueio também pode ocorrer quando: 1 - há interrupções indevidas no falar do entrevistado, pois estas além de não demonstrar interesse pelo que ele diz, evidencia a ansiedade do entrevistador ao concluir, por exemplo, a frase do entrevistado em seu lugar; 2 - o entrevistador fala tanto ou mais que o entrevistado, intercalando discursos prontos de aconselhamento, sem antes ouvir ou independentemente do que o entrevistado tem a dizer, demonstrando com isso uma atitude de autoritarismo, ao agir como um ser superior que deve ser respeitosamente ouvido, não respeitando os sentimentos do entrevistado.

III - HUMILDADE: esta atitude oferece condições ao entrevistador de perceber que jamais será capaz de solucionar problema algum de quem quer que seja se a própria pessoa não o quiser, por deter ela a responsabilidade exclusiva pelas suas escolhas. A humildade caracteriza-

se também pela disposição do entrevistador de tomar cada entrevista uma fonte de aprendizado.

IV - FLEXIBILIDADE: representa também um aprendizado constante ao oferecer ao entrevistado alternativas criativas e liberdade de experimentar certos modos de viver, levando-os a: 1- perceberem-se como agentes da própria mudança; 2 - a escutarem a si mesmos; 3 - encontrarem paulatinamente as maneiras adequadas de expressarem o que sentem.

Constitui a flexibilidade um aprender a conviver com as diferenças, levando o entrevistador a evitar ao maniqueísmo de dividir as pessoas entre as boas e as más ou entre vítimas e algozes, por constituírem estas divisões formas sutis de preconceitos que impedem a aproximação humana.

V - PERSPICÁCIA E SENSIBILIDADE: necessárias para que o entrevistador, ao contrário dos espíritos obsessores que atuam nas fragilidades humanas, aprenda a identificar e atuar no "ponto forte" de quem está atendendo, a fim de que este eleve a sua auto-estima, adquirindo com isso precondições para o seu fortalecimento interior almejando que não seja ele derrubado pelo sofrimento

VI - ACONSELHAMENTO: o entrevistador deverá evitar uma atuação através de ameaças ou pressões, por afastarem estas muitas pessoas da relação de ajuda. No processo de aconselhamento deverá também estar atento às idéias pré-concebidas e/ ou preconceitos que venham a contaminar a relação de ajuda. Por exemplo, o dirigente que acredita que todo alcoolista é um sem-vergonha, numa entrevista com este tipo de viciado corre o risco de ser induzido a levá-lo ao descrédito, ridicularizando o seu modo de ser, crendo que assim o entrevistado passará a modificar o seu comportamento.

No aconselhamento, o entrevistador terá como meta contribuir para que a pessoa aprenda a viver uma vida saudável, adquirindo confiança em si mesma e desenvolvendo a crença em seu próprio valor. Neste processo também irá adquirindo condições de perceber o que leva o entrevistado a se sintonizar com o obsessor e como agir para a quebra da sintonia, caso esteja sendo vítima real de uma obsessão.

É como se a pessoa ao procurar o Centro Espírita estivesse com a vista embaçada e o aclaramento de sua visão, pela mudança de direção de seu olhar constituísse a meta do dirigente.

Ou então imaginemos essa pessoa perdida numa floresta, sem uma bússola capaz de lhe indicar o caminho da saída, estando presa em armadilhas, ora armadas por ela mesma ora por companheiros de jornada, tendo aí o dirigente a meta de construir com ela um mapa das armadilhas, de modo que a pessoa se comprometa a encontrar o caminho da saída, planejando como e quando pedir socorro e estando atenta àquelas armadilhas mais comuns que faz com que fique emperrada, como:

- 1 - justificativas externas para a situação em que se encontra, não tomando providência alguma para escapar da armadilha;
- 2 - tentativas de esconder tanto de si como de outros que está presa em uma armadilha, ficando imobilizada com isso;
- 3 - visão da situação como sendo de responsabilidade de outras pessoas ou de forças alheias a sua vontade, principalmente as sobrenaturais.
- 4 - repressão do que sente, não tendo com isso condições de encontrar o caminho da saída.

No aconselhamento o dirigente deverá estar atento às armadilhas que possam surgir para si no processo de ajuda, tendo como parâmetros:

- 1 - o conhecimento da Doutrina Espírita, identificando como o seu entendimento poderá colaborar na melhoria de qualidade de vida da pessoa;
- 2 - o conhecimento das finalidades das atividades do Centro a fim de distinguir a mais indicada àquela pessoa na situação em que se encontra;

3 - a reflexão conjunta sobre os motivos que a levou a procurar o Centro, confrontando suas expectativas com o posicionamento espírita a respeito das mesmas.

A entrevista poderá representar uma ajuda efetiva à pessoa que, através das informações recebidas adequadamente, poderá identificar o campo de atuação do Espiritismo, libertando-se de crenças negativas, expectativas indevidas e idéias pré-concebidas a seu respeito, identificando o auto-conhecimento como o meio prático e eficaz para se melhorar nesta vida e resistir ao arrastamento do mal, conforme questões 919 de O Livro dos Espíritos⁴⁴, constituindo o estudo destas questões de grande utilidade no processo de alívio do sofrimento humano, seja de caráter obsessivo ou não.

OBSESSÃO: CURA

A principal arma no combate à obsessão apresentada pelo Espiritismo é o auto-conhecimento, tendo claro que tanto conhecimento da Doutrina Espírita como o auto-conhecimento, bem como toda e qualquer realização que o ser humano se propõe, exige: seriedade, perseverança, isenção de idéias pré-concebidas, enfraquecimento de preconceitos e desejo sincero de chegar a um resultado.

O auto-conhecimento torna-se também de vital importância na investigação das causas dos sofrimentos, tornando-se estes transitórios à medida que a pessoa for encontrando um sentido e uma razão para viver, podendo ele, porém, representar um processo doloroso, ao fazer com que a pessoa perceba os motivos reais de suas ações. Na questão 919-a do Livro dos Espíritos, por exemplo, menciona que o avaro jamais se considera como tal, afirmando ele ser econômico. Robin Norwoop em seu livro destinado às mulheres que criam seus próprios sofrimentos afirma que, muitas vezes, esforços para ajudar alguém podem ser, na verdade, tentativas de controlar o outro, afirmando que a ajuda, nestas situações representa o lado ensolarado do controle.

Vejamos o que ela diz:

*"Quando fazemos por outra pessoa o que ela pode fazer por si própria, quando planejamos o futuro de outras pessoas ou suas atividades diárias, quando instigamos, aconselhamos, lembramos, advertimos ou persuadimos outras pessoas que não sejam uma criança, quando não conseguimos tolerar no lugar dela as conseqüências de seus atos e tentamos mudá-los ou impedimos suas conseqüências - isso é controlar."*⁴⁵

E a pessoa quando no exercício do controle deixa de estar em contato com os seus próprios sentimentos, sendo incapaz de tomar decisões sábias a respeito da própria vida.

Esta análise oferece condições tanto ao entrevistador com ao entrevistado de perceber quais são os motivos reais que estimulam suas ações, ao colaborar tanto no auto-conhecimento como na identificação das causas dos sofrimentos, podendo estes serem conseqüências: 1 - da personalidade inflexível da pessoa, com esquema de vida rígido ou atividades tão rotinizadas, extremamente exigente consigo própria e com os seus companheiros, sem consciência de que está sendo responsável e, ao mesmo tempo, vítima de seu próprio modo de ser; 2 - de situações específicas de crises das quais todos os seres humanos são suscetíveis: perda de emprego, vítima de violência social, separações conjugais, morte de entes queridos etc., situações estas que estão mais ligadas às dificuldades que os seres humanos têm em lidar com a perda, devendo esta a questão a ser trabalhada; 3 - fortalecimento dos preconceitos, onde todos são induzidos a viverem da mesma maneira, independentemente de crenças, sonhos e aptidões; 4 - de várias situações da vida cotidiana que podem levar ao estresse, causando vários outros sofrimentos e produzindo, principalmente, relacionamentos insatisfatórios e, conseqüentemente, infelizes; 5 - da tendência de encontrar explicações esdrúxulas para as causas dos sofrimentos, negando sua responsabilidade sobre os acontecimentos da vida; 6 - da falta de habilidade de lidar com as mágoas, ingratidões e decepções que surgem no transcorrer da vida, transformando-as em práticas obsessivas.

A mudança de estilo de vida que possa ocorrer em função do auto conhecimento constitui um compromisso com a evolução, e não com a perfeição, pois o compromisso com esta última implicaria em exigir da pessoa o que não seria possível na situação evolutiva em que se encontra.

Concluo este trabalho destacando parte do roteiro para a cura da obsessão proposto por J. Herculano Pires.⁴⁶

"Reformule o seu conceito do si mesmo. Você não é pobrezinho abandonado no mundo. Os próprios vermes são protegidos pelas leis naturais. Por que só você não teria proteção? Tire da mente a idéia de pecado e castigo. O que chamam de pecado é o erro, e o erro pode e deve ser corrigido ...

" ...As más idéias e os maus pendores existem para você vencê-los, nunca para se entregar."

"Mude a sua maneira de encarar os semelhantes. Na essência, somos todos iguais. Se ele está irritado não entre na irritação dele ... "

"Não se considere vítima. Você pode estar sendo algoz sem perceber. Pense nisso constantemente para melhorar as suas relações com os outros. Viver é permutar. Examine o que você troca com os outros"

"Você não depende dos outros, depende de sua mente. Mantenha a mente arejada, abra suas janelas ao mundo, respire com segurança e ande com firmeza ... "

RELAÇÃO DE TEXTOS SOBRE OBSESSÃO, LOUCURA E SUICIDIO CONTIDOS NA CODIFICAÇÃO

01 - KARDEC, Allan. A Loucura e suas causas. Em: - O Livro dos Espíritos. São Paulo: FEESP, 1989, 4ª, p.42 a 44;

02 - Idem. Influência do Organismo. Em: - O Livro dos Espíritos. São Paulo: FEESP, 1989, 4ª, p. 367 a 375;

03 - Idem. Idiotismo e Loucura. Em: - O Livro dos Espíritos. São Paulo: FEESP, 1989, 4ª, p. 371 a 378;

04 - Idem. Intervenção dos espíritos no mundo corporal. Em: - O Livro dos Espíritos. São Paulo, 1989, 4ª, p. 200 a 227;

05 - Idem. Loucura, Suicídio e obsessão. Em: - O que é o Espiritismo. Segundo diálogo. Rio de Janeiro: FEB, 1983, 27ª, p. 111 a 114;

06 - Idem. Sistema de loucura. Em: - O Livro dos Médiuns. Primeira Parte. São Paulo: LAKE, 1988, 4ª, p. 51;

07 - Idem. Sistema de alucinação. Em: - O Livro dos Médiuns. Primeira Parte. São Paulo: LAKE, 1988, 4ª, p.51 e 52;

08 - Idem. Inconvenientes e perigos da mediunidade. Em: - O Livro dos Médiuns. Segunda Parte. São Paulo: LAKE, 1988, 4ª, item 221 (q.l a 5) e item 222, p. 234 a 237;

09 - Idem. Da obsessão. Em: - O Livro dos Médiuns. Segunda Parte. São Paulo: LAKE, 1988, 4ª, p. 274 a 290;

10 - Idem. O suicídio e a loucura. Em: - O Evangelho Segundo o Espiritismo, Cap. V, itens 14 a 17. Rio de Janeiro: FEB, 1977, 70ª, p.112 a 114;

11 - Idem. A melancolia. Em: - O Evangelho Segundo o Espiritismo, Cap. V, item 25. Rio de Janeiro: FEB, 1977, 70ª, p.125;

12 - Idem. Reconciliar-se com os adversários. Em: - O Evangelho Segundo o Espiritismo, Cap. X, itens 5 e 6. Rio de Janeiro: FEB, 1977, 70ª p.177 a 178;

13 - Idem. Os inimigos desencarnados. Em: - O Evangelho Segundo o Espiritismo, Cap. XII, itens 5 e 6. Rio de Janeiro: FEB, 1977, 70ª, p. 206 a 208;

14 - Idem. Prece para afastar os maus espíritos. Em: - O Evangelho Segundo o Espiritismo, Cap. XXVIII, item 16. Rio de Janeiro: FEB, 1977, 70ª, p. 418;

15 - Idem. Prece para pedir a força de resistir a uma tentação. Em: - O Evangelho Segundo o Espiritismo,

Cap. XXVIII, item 20. Rio de Janeiro: FEB, 1977, 70ª, p. 420;

16 - Idem. Prece por um suicida. Em: - O Evangelho Segundo o Espiritismo, Cap. XXVIII, item 71. Rio de Janeiro: FEB, 1977, 70ª, p.445;

17 - Idem. Prece pelos espíritos endurecidos. Em: - O Evangelho Segundo o Espiritismo, Cap. XXVIII, item 75. Rio de Janeiro: FEB, 1977, 70ª, p.447;

18 - Idem. Preces pelos doentes e pelos obsidiados. Em: - O Evangelho Segundo o Espiritismo, Cap. XXVIII, itens 77 e 81. Rio de Janeiro: FEB, 1977, 70ª, p. 450 e 451;

19 - Idem. A carne é fraca. Em: O Céu e o Inferno, Primeira Parte, Cap. VII. Rio de Janeiro: FEB, 1984, 32ª, p.86 a 89;

20 - Idem. Espíritos suicidas. Em: O Céu e o Inferno, Segunda Parte, Cap. Rio de Janeiro: FEB, 1984, 32ª, p. 295 a 327;

21 - Idem. Instrução de um espírito sobre os idiotas e os cretinos dada na Sociedade de Paris. Em - O Céu e o Inferno, Segunda Parte, Cap. VIII. Rio de Janeiro: FEB, 1984, 32ª, p. 408 a 410;

22 - Idem. Obsessões e possessões. Em: - A Gênese, Cap. Xv. Rio de Janeiro: FEB, 1992, 35ª, p. 304 a 308;

23 - Idem. Possessos. Em: A Gênese, Cap. Xv. Rio de Janeiro: FEB, 1992, 35ª, p. 327 a 331;

24 - Idem. Da obsessão e da possessão. Em: - Obras Póstumas, Primeira Parte Manifestação dos espíritos, par. 7º. Rio de Janeiro: FEB, 1969, 24ª, p. 67 a 74;

25 - Idem. Obsedados e subjugados. Em: - Revista Espírita, out 1858, p.275 a287;

26 - Idem. Teoria móvel de nossas ações. Em: - Revista Espírita, out 1858, 292 a 294;

27 - Idem. Problemas morais: sobre o suicídio. Em: - Revista Espírita, nov 1858, p. 314 a 315;

28 - Idem. Processos para afastar os maus espíritos. Em: - Revista Espírita, set 1859, p. 251 a 260;

29 - Idem. Uma semente de loucura. Em:- Revista Espírita, jun 1860, p.191 a193;

30 - Idem. História de um danado. Em: - Revista Espírita, fev 1860, p. 52 a 53 (transcrição de um processo desobsessivo);

31- Idem. O espírito batedor de Aube. Em: - Revista Espírita, jan 1861, p. 24 a 30 (processo desobsessivo à distância e intervenção familiar);

32-Idem. O espírito de um idiota. Em: - Revista Espírita,jun 1860, p.181 a183; 33 - Idem. Epidemia demoníaca na Sabóia. Em: - Revista Espírita, abr 1862, p.107 a III (distinção da loucura patológica da obsessional);

34 - Idem. A noiva traída. Em: - Revista Espírita, ma 1860, p. 160.e 161; 35 - Idem. Educação de um espírito. Em: - Revista Espírita, dez 1860, p. 396 a 400;

36 - Idem. Estatística de suicídios. Em- Revista Espírita, jul1862, p.196 a 202; 37 - Idem. Estudos sobre os possessos de Morzine - causas da obsessão e meios de combate - art. I. Em: - Revista Espírita, dez 1862, p. 355 a 365; 38 - Idem. Idem - art. 11. Em: - Revista Espírita, jan 1863, p. 1 a 8;

39 - Idem. Idem - art. m. Em: - Revista Espírita, fev 1863, p. 33 a 40;

40 - Idem. Idem. - art. IV Em: - Revista Espírita, ab 1863, p. 99 a 110;

41- Idem. Idem - art. V Em: - Revista Espírita, maio 1863, p. 131 a 140;

42 - Idem. A loucura espírita. Em: - Revista Espírita, fev 1863, p. 50 a 57;

43 - Idem. Ação material dos espíritos sobre o organismo. Em: - Revista Espírita, ag 1863, p. 242 a 244;

44 - Idem. Um caso de possessão - Senhora Julia. Em: Revista Espírita, dez 1863, p. 373 a 377;

45 - Idem. A loucura espírita. Em: - Revista Espírita, fev 1863, p. 50 a 57;

46 - Idem. Um caso de possessão - Senhora Júlia - 2º art. - p. 11 a 17;

47 - Idem. Palestras de além túmulo: Fredegunda. Em: - Revista Espírita, jan 1864, p.17 a 20;

48 - Idem. Variedades: curas de uma obsessão. Em: - Revista Espírita, fev 1864, p. 45 a 46;

49 - Idem. Variedades: a jovem obsedada de Marmande (cont.). Em: Revista Espírita, jun 1864, p. 168 a 172;

50 - Idem. Novos detalhes sobre os possessos de Morzine. Em: - Revista Espírita, ag 1864, p. 225 a 231;

51 - Idem. Nova cura de uma jovem obsedada de Marmande. Em: - Revista Espírita, jan 1865, p. 4 a 19;

52 - Idem. Manifestações diversas - curas: carta do Sr. Delanne. Em: Revista Espírita, ma 1865, p. 138 a 142;

- 53 - Idem. Variedades: o fumo e a loucura. Em: - Revista Espírita, ma 1865, p.142 a 144;
- 54 - Idem. Os espíritos na Espanha: cura de uma obsedada em Barcelona. Em: -Revista Espírita,jun 1865, p.167 a174;
- 55 - Idem. Curas de obsessões. Em: - Revista Espírita, fev 1866, p. 38 a 42;
- 56 - Idem. Estatística da loucura. Em: - Revista Espírita. jul1866, p. 204 a 211:
- 57 - Idem. Grupo curador de Marmande: intervenção dos parentes nas curas. Em: - Revista Espírita, jun 1867, p.178 a 181;
- 58 - Idem. Extraído dos manuscritos de um jovem médium bretão - alucinados. Em: - Revista Espírita, fev 1868, p. 33 a 36:
- 59 - Idem. Suicídio por obsessão. Em: - Revista Espírita. jan 1869, p. 27 a 28;
- 60 - Idem. Obsessões simuladas. Em: - Revista Espírita.. jan 1869, p. 31 a 32;
- 61 - Idem. Um caso de loucura causado pelo medo do diabo. Em: - Revista Espírita, fev 1869, p. 43 a 45.

BIBLIOGRAFIA

- ALFRED, Benjamim. Entrevista de ajuda. 5ª ed. São Paulo. Ed. Martins Fontes, 1988
- CARVALHO, Antonio Cesar Perri de. Mudanças estruturais dos centros e grupos espíritas de KARDEC aos nossos dias. Em: - CONGRESSO ESPÍRITA ESTADUAL DA USE, Águas de São Pedro. SP. 22-24 ago 1986
- FÁVARO, Éder e outros. A estrutura dos centros espíritas de KARDEC aos nossos dias. Em: - idem
- GARCIA, Wilson. O centro espírita. 2ª ed. São Paulo, Ed. USE, 1990 KARDEC, Allan. A gênese, os milagres e as predições segundo o Espiritismo. 35ª ed. Riode Janeiro, Ed. FEB, 1992
- Idem. Obras póstumas. 24ª ed. Rio de Janeiro, Ed. FEB 1969
- Idem. O evangelho segundo o espiritismo. 7ª ed. Rio de Janeiro, Ed. FEB, 1977 Idem. O livro dos espíritos. 4ª ed. São Paulo, Ed. FEESP, 1989
- Idem. O livro dos médiuns. 4ª ed. São Paulo, Ed. LAKE, 1988
- Idem. O que é espiritismo. 27ª ed. Rio de Janeiro, Ed. FEB, 1983
- Idem. Revista Espírita. São Paulo, Ed. EDICEL, anos 1858, 1859, 1861, 1862, 1863, 1866, 1869
- LUCIA, Reinaldo di. O processo de mudanças do espiritismo. Texto apostilado - CPDoc, Santos, mar 1997-09-29
- MIRANDA, Manoel Philomeno de. Sementes da vida eterna, psicografia de Divaldo Pereira Franco
- NORWOOP, Robin. Mulheres que amam demais. São Paulo, Ed. Martins Fontes PELICIER, Ives. História da psiquiatria, Coleção Saber, Publicação Europa America, 1971
- PIRES, J. Herculano. Obsessão o passe a doutrinação. 3ª ed. São Paulo, Ed. Paidéia, 1985
- Idem. O centro espírita. ed. São Paulo. Ed. Paidéia, 1980
- REGIS, Jaci. O centro espírita no século XX. Em:- CONGRESSO ESPÍRITA ESTADUAL DA USE, 7. Águas de São Pedro, SP, 22-24 ago 1986 RUSHEL Sandra Inês e outros. Marcadores biológicos do suicídio. Em:Informações Psiquiátricas, v. 15, nº 2
- SCHUBERT, Suely Caldas. Obsessão e desobsessão. 2ª ed. Rio de Janeiro, Ed. FEB, 1981
- SPÍNOLA, Mauro Mesquita de. Centro espírita: uma revisão estrutural. 1ª ed; Santos, CPDoc, 1997.

NOTAS

- 1 Allan KARDEC. O Livro dos Médiuns
- 2 Idem. Revista Espírita, v. 4, ano 1861, p. 47 a 51
- 3 Eder FÁVARO e outros. Em: Congresso Espírita Estadual, 7
- 4 Antonio Cesar Perri de CARVALHO. Em: Congresso Espírita Estadual, 7 5 Jaci REGIS. Em: Congresso Espírita Estadual, 7
- 6 J. Herculano PIREs. O Centro Espírita
- 7 Wilson GARCIA. O Centro Espírita
- 8 Reinaldo di LUCIA. O processo de mudanças do Espiritismo. Texto apostilado
- 9 Mauro de Mesquita SPÍNOLA. Centro espírita: uma revisão estrutural.

- 10 Allan KARDEC. Meios de comunicação. Em: O que é o espiritismo. Segundo diálogo p.96
- 11 Allan KARDEC. Processos para afastar maus espíritos. Em: Revista Espírita, v. 2, ano 1859, p. 253;
- 12 Idem. Obsedados e subjugados. Em: Revista Espírita, v.1, ano 1858, p. 275 a 287
- 13 Idem .. Estudos sobre os possessos de Morzine - Causas da obsessão e meios de combatê-la - art. II. Em: Revista Espírita, v. 6, ano 1863, p. 6
- 14 Idem. Estudos sobre os possessos de Morzine - causas da obsessão e meios de combatê-la - art. II. Em: - Revista Espírita, v. 6. ano 1863, p. 8
- 15 Allan KARDEC. A ciência e o espiritismo. Em: O Livro dos Espíritos, Introdução ao Estudo da Doutrina Espírita, p. 30 a 32
- 16 Idem. Da obsessão e da possessão. Em: Obras Póstumas, p.72
- 17 Idem. Obsessões simuladas. Em: - Revista Espírita, v. 12, ano 1869, p. 31. 18 Idem. Estudos sobre os possessos de Morzine - Causas da obsessão e meios de combate - II artigo. Em: Revista Espírita, v. 6, ano 1863, p. 5 e 6
- 19 Allan KARDEC. Espíritos sofredores - Claire. Em: O Céu e o Inferno, p. 285 a 327
- 20 Idem. Da obsessão. Em: - O Livro dos Médiuns, p. 287
- 21 Allan KARDEC. Inconvenientes e perigos da mediunidade. Em: O Livro dos Médiuns, p. 237
- 22 Idem. Loucura, suicídio e obsessão. Em: - O que é espiritismo, p. 111
- 23 Idem. A loucura espírita. Em: Revista Espírita, v. 6, ano 1863, p.50
- 24 Idem. Estatística da loucura. Em: Revista Espírita, v. 9, ano 1866, p.204
- 25 Idem. Possessos. Em: O Livro dos Espíritos, p.204
- 26 Idem. Possessos. Em: A Gênese, cap. XIV, p.327 a 331
- 27 Allan KARDEC. Instrução de um Espírito sobre os idiotas e os cretinos. Em: - O Céu e o Inferno, p. 408 a 410
- 28 nomenclatura da época pela psiquiatria aos portadores de doenças e de deficiências mentais
- 29 Allan KARDEC Expições terrestres. Em: - O Céu e o Inferno, p. 408 a 411
- 30 Os dados históricos contidos neste texto foram extraídos do livro História da Psiquiatria, de Ives Pelicier, tradução de Ramiro da Fonseca
- 31 Filipe Pinel (1745 -1826) em 1793 recebe os serviços de alienados de Bicêtre, sendo este um depósito de doentes mentais amontoados em condições miseráveis, com os doentes mais agitados em corrente. Inicia o seu trabalho retirando as cadeias da maior parte dos doentes e esforçando-se por suprimir o regime de cárcere. Procura classificar os doentes mentais com a maior precisão possível, considerando que a doença pode se alterar no decurso da vida.
- 32 Sandra Inês RUSHEL e outros. Marcadores Biológicos do Suicídio. Em: - Informações Psiquiátricas, v. 15, nº 2, p. 62.
- 33 Ives PELICIER. A maré alta das heresias. Em: - História da Psiquiatria, p. 37
- 34 Allan KARDEC. Estatística de suicídios. Em: - Revista Espírita, v. 5, ano 1862, p. 197
- 35 Idem. Espíritos suicidas - Antoine Bell. Em: - O Céu e o Inferno, p. 323 a 327
- 36 Idem. Suicídio por obsessão. Em: -RevistaEspírita, v. 12, ano 1869, p. 37 a38
- 37 Allan KARDEC. Preces pelos obsidiados. Em: - O Evangelho Segundo o Espiritismo, p.361
- 38 Idem. Da obsessão. Em: - O Livro dos Médiuns, p. 280
- 39 Idem. Estudos sobre os possessos de Morzine. Em: - Revista Espírita, v. 5.ano 1862, p.365
- 40 Manoel Philomeno MIRANDA. Sementes da Vida Eterna, psicografia de Divaldo Pereira Franco, cap.30
- 41 Suely Caldas SCHUBERT. Obsessão recíproca. Em: - Obsessão e desobsessão, p.38
- 42 a elaboração deste texto foi feita a partir de consulta ao Livro Entrevista * Ajuda, de Benjamin Alfred.
- 43 Allan KARDEC. Perguntas que se podem fazer. Em: - O Livro dos médiuns, p. 338 a 341
- 44 Allan KARDEC. Conhecimento de si mesmo. Em: - O Livro dos Espíritos p.339
- 45 Robin NORWOOP. Em: - Mulheres que amam demais.
- 46 as citações deste final de texto foram extraídas do livro Obsessão o passe a doutrinação